

BOLETIM DAS VII JORNADAS SEÇÃO LESTE-OESTE DA EBP

ESCOMBROS

#01



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

EDITORIAL

FÁBIO PAES BARRETO (EBP/AMP)

Entre Fraturas e Invenções: A Psicanálise e a Estética do Real

É com o espírito de escavação e de contorno do indizível que advém o Boletim **Escombros #1**. Esta edição se estabelece como um território de escrita e transmissão clínica, convocando analistas a recolher o que sobra das fraturas da nossa civilização para, a partir do resto, fundar novas possibilidades de articulação do desejo. No solo marcado da vibrante Cidade Morena, nosso encontro híbrido acontecerá nos dias 9 e 10 de outubro de 2026. As paisagens e sonoridades da capital sul-mato-grossense tecem o pano de fundo para tensionarmos os limites e as potências da prática analítica na atualidade.

O norte desta edição se apoia nos fundamentos teóricos e clínicos que sustentarão as discussões das Jornadas. No último dia 19 de maio, a comunidade analítica pôde acompanhar a transmissão viva desses conceitos durante a noite da diretoria na EBP/Leste-Oeste, uma atividade online de forte engajamento. Na ocasião, o coordenador geral das VII Jornadas, Ary Farias (EBP/AMP, Campo Grande), conduziu a atividade, apontando para a confluência decisiva entre o conceito de real e o fato estético, pontos axiais por onde orbita o desvelo teórico de Jacques Lacan. A introdução dos trabalhos da noite foi realizada pelo coordenador da comissão científica do evento, Renato Carlos Vieira (EBP/AMP, Vitória), que demarcou como o real recusa linearidades e desafia os aparelhos ordinários de gozo do sujeito no século XXI.

O coração conceitual do evento desdobra-se em quatro pontos norteadores, detalhados mais abaixo nesta edição. Naquela noite, os componentes da comissão científica apresentaram as balizas essenciais cada ponto sob suas responsabilidades: Carla Serles (EBP/AMP, Campo Grande) introduziu o

Ponto 1, abordando as incidências do real na cultura e na clínica contemporânea; Virgínia Carvalho (EBP/AMP, Vitória) trouxe as amarrações do Ponto 2, o fato estético e a experiência analítica; Renato Carlos Vieira fez, ainda, a leitura do texto de Gabriel Caixeta (MSC/AMP, Brasília), que aprofunda as articulações do Ponto 3, sobre a Escola de Lacan e o real na formação do analista; e Ruskaya Maya (EBP/AMP, Goiânia) teceu as considerações fundamentais do Ponto 4 – Lacan, a arte e o real.

Juntos, esses recortes funcionam como coordenadas para a elaboração de trabalhos epistêmicos e clínicos.

Como novidade e expansão desta nossa rede de transmissão multimídia, iniciamos neste número uma série exclusiva de 4 episódios de podcasts (em formato estritamente de áudio). Cada edição do boletim trará uma entrevista compacta e densa de cerca de 10 minutos, dedicada a dissecar as nuances de um ponto norteador específico. Trata-se de uma via dinâmica de preparação da escuta que antecede o evento híbrido. Para além dos conceitos formais, a arte insiste em dar contorno ao vazio que a teoria circunda.

Para preparar os compassos dessa escuta que tateia o indizível, propomos três tempos fundamentais, com os compositores de Mato Grosso do Sul nas vozes de célebres nomes da MPB:

“*Horizonte*”, de Guilherme Rondon, Iso Fischer e Paulo Simões, conduzida pelo canto do alquimista dos acordes Ivan Lins; “*Isso e Aquilo*”, de Iso Fischer e Guilherme Rondon, na interpretação visceral da diva Nana Caymmi; e “*Tocando em Frente*”, de Almir Sater e Renato Teixeira, no sopro ventania da rainha Maria Bethânia.

Ao convocar essas interpretações definitivas, este boletim não apenas reverencia a bagagem cultural de Campo Grande, mas também localiza a música como uma das vias de acesso àquilo que escapa à formalização absoluta da palavra. Na intersecção entre o regional e o universal, o que escutamos é a própria matéria-prima da nossa clínica. Afinal, a proposta das nossas próximas Jornadas, “A Psicanálise e a Estética do Real”, convida justamente a recolher o que sobra das fraturas cotidianas para fundar uma nova possibilidade de escrita do desejo. Pois a relação sexual é isto: o impossível que não cessa de não se escrever. Se a teoria nos ensina que o Real é aquilo que resiste à simbolização, a arte — em sua precisão estética — opera nos contornos desse vazio.

Entre o horizonte que se busca, as escolhas cindidas entre isso e aquilo, e o andar vagaroso de quem compreende a marcha dos dias, as canções aqui vinculadas se oferecem como bússolas para o analista e para o falasser. Convidamos cada leitor a clicar, escutar e se deixar afetar por essas sonoridades.

Que estes acordes sirvam de prefácio para os debates densos que nos aguardam: na densidade dos nossos escombros e na beleza dos nossos encontros.

INTRODUÇÃO AOS PONTOS NORTEADORES

RENATO CARLOS VIEIRA (EBP/AMP)

O FATO ESTÉTICO E O REAL NA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA

A comissão científica, em sintonia com a coordenação geral e demais comissões das VII Jornadas da EBP-LO, convida a todos os interessados à elaboração em torno da expressão estética do real, formulação que reúne dois termos ligados a experiências limiáres, nas quais se tensionam o corpo, a linguagem e os modos de satisfação e gozo. Trata-se de uma via fecunda para interrogar como a psicanálise aborda aquilo que insiste, irrompe e desafia a pensar a dimensão do real no século XXI, sobretudo na experiência analítica nos tempos que correm.

No Seminário 20, Mais, ainda, Lacan afirma que a realidade é abordada com os aparelhos do gozo. Isso não significa que o gozo seja anterior à linguagem; ao contrário, ele é por ela aparelhado. Como assinala Lacan, não há outro aparelho senão a linguagem.¹ Com essa formulação, o gozo deixa de ser pensado apenas no registro da transgressão e passa a ocupar lugar central na vida e experiência do ser falante, abrindo caminho para a abordagem da Outra Satisfação.

1 Lacan, J. Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.61

A Outra Satisfação estabelece um limite para as miragens da verdade, da qual só se pode esperar a mentira. Nos termos de Lacan, a satisfação que marca o final da análise encontra seu limite na satisfação advinda do *sinthoma*.²

Para a psicanálise, o real escapa a toda tentativa de formalização e de captura simbólica. Ele não se escreve plenamente e se retrai na própria linguagem em que se supõe manejado. É nesse ponto que se pode situar a questão de uma estética do real.

Quando o real se articula à cadeia significativa (S1 – S2), ele já não está disponível para ser capturado pela linguagem. Em outros termos, o real recusa simetrias e linearidades, modalidades correntes de compreensão do sujeito. Como observa Ary Farias³, toda tentativa de formalização do real exige torções lógicas, concessões de linguagem e flexões teóricas, pois ele se apresenta em sua persistente intangibilidade.

Ary Farias destaca, contudo, que a preeminência adquirida pelo conceito de real no último ensino de Lacan permite articular, por retroação, seu lugar e sua função como conceito matricial da prática analítica. Trata-se, segundo ele, de um conceito axial, uma palavra-prima, por onde orbita toda a *insônia* teórica de Lacan, refundando inclusive a perspectiva do que é o inconsciente, estabelecendo o *sinthoma* como uma síntese esclarecida da defesa do *falasser*.

Nessa perspectiva, o real na psicanálise indica um arranjo singular de resposta à colonização do corpo pela língua do Outro. Esse deslocamento levou Lacan a propor outra escritura para o sintoma. Em síntese, em seu derradeiro ensino, Lacan sustenta que o *sinthoma* constitui uma apreensão depurada da estrutura e do funcionamento do inconsciente pela via do gozo opaco do sintoma.

Cabe ressaltar que, no Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan já indica uma inflexão na direção do tratamento. Para além da alusão ao cerne do ser mediante o desejo, que deve ser tomado ao pé da letra, é no nível da pulsão que o estado de satisfação deve ser retificado, pois o percurso do sujeito encontra o real sob a forma do impossível de negativar.⁴

No argumento elaborado para as VII Jornadas, Ary Farias destaca uma confluência decisiva entre o conceito de real e o fato estético. Esse ponto oferece uma orientação precisa e instigante para a preparação dos trabalhos,

2 Lacan, J. *Outros Escritos: Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 568.

3 FARIAS, Ary. A psicanálise e a estética do real. *Escombros, Boletim das VII Jornadas Seção Leste-Oeste da EBP, Campo Grande*, n. 0, p. 14, 2026. Disponível em: <https://ebp.org.br/slo/jornadas/vii-jornadas-ebp-secao-lo-a-psicanalise-e-a-estetica-do-real/vii-jornadas-ebp-secao-lo-a-psicanalise-e-a-estetica-do-real-boletim/>. Acesso em: 16 maio 2026.

4 Lacan, J. *Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p.158/159.

ao convocar cada participante a explorar o que, na clínica, na cultura e na experiência analítica, se produz como encontro com o insólito.

Se o real na psicanálise se apresenta sob a forma do gozo impossível de negatizar, engendrando a singularidade do falasser, o fato estético, por sua vez, é marcado pela dispersão do condicionamento perceptivo e pela emergência de um sentido novo, de uma ideia invulgar ou de uma imagem siderante.

A partir desse recorte do argumento proposto por Ary Farias, apresentamos os pontos norteadores para a produção dos trabalhos das VII Jornadas da Seção Leste-Oeste, que ocorrerão em Campo Grande (MS), nos dias 9 e 10 de outubro de 2026. Convidamos os participantes a tomar esses pontos norteadores como bússola para a elaboração das perspectivas clínica, epistêmica e política da psicanálise, em torno de uma possível estética do real a partir da dimensão do gozo impossível de negatizar.

Os membros da comissão científica desejam e esperam que os pontos norteadores impulsionem a leitura, a conversação e a produção de trabalhos para as VII Jornadas, ampliando a presença da psicanálise diante dos impasses do nosso tempo.

PONTOS NORTEADORES

CARLA SERLES (EBP/AMP)

Ponto 1 – As incidências do real na cultura e na clínica contemporânea

O real não é o mesmo de outrora; há muito deixou de ser apenas um resto do simbólico ou aquilo que retornava sempre ao mesmo lugar. A fim de sustentar essa afirmação e avançar em algumas formulações acerca do laço social e de suas incidências na clínica, optou-se por um percurso que toma como ponto de partida o *Zeitgeist*, o espírito da época, a leitura do contemporâneo. Isso foi feito no que concerne a certas bases conceituais da psicanálise, na tentativa de abrir perspectivas que possam repercutir como balizas capazes de orientar, de algum modo, a escrita de trabalhos que contemplem esse ponto norteador.

Dessa maneira, a lavra de um filósofo pode bem servir como um lampejo à posição que corresponde à de um analista frente ao que Freud chamou de mal-estar na cultura e Lacan, de impasses da civilização:

[...] contemporâneo é aquele que não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue discernir, nelas mesmas, a parte da sombra, sua obscuridade mais íntima. Contemporâneo é aquele que percebe, no escuro de seu tempo, aquilo que singularmente lhe concerne e que não cessa de interpelá-lo⁵.

Ainda na esteira do real, vale sublinhar um fragmento do argumento das VII Jornadas Seção Leste-Oeste da EBP, no qual Ary Farias delineia uma possível confluência entre o conceito de real e o fato estético, assinalando que “ambos decorrem do insólito, da subtração das conexões estáveis e pertencimentos ordinários, repercutindo numa desapropriação momentânea do eu”⁶. A partir desse excerto, torna-se possível retomar Miller: “o real é entendido não como um cosmos, não como um mundo, nem como uma ordem”⁷. O real é

5 AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 63.

6 FARIAS, Ary. A psicanálise e a estética do real. Escombros, Boletim das VII Jornadas Seção Leste-Oeste da EBP, Campo Grande, n. 0, p. 14, 2026. Disponível em: <https://ebp.org.br/slo/jornadas/vii-jornadas-ebp-secao-lo-a-psicanalise-e-a-estetica-do-real/vii-jornadas-ebp-secao-lo-a-psicanalise-e-a-estetica-do-real-boletim/>. Acesso em: 16 maio 2026.

7 MILLER, Jacques-Alain. O real no século XXI. Apresentação do tema do IX Congresso da AMP. In: MACHADO, Ondina; RIBEIRO, Vera Lúcia Avellar (orgs.). Um real para o século XXI. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p. 30.

aquilo que resta do desvanecimento da natureza, ou seja, um resto desordenado por estrutura, desprovido de sentido e refratário a qualquer linearidade entre causa e efeito. Advém como um fragmento assistemático produzido no encontro traumático entre a língua e o corpo e, ainda, suas repercussões de gozo. Sem correspondência com qualquer lei prévia, trata-se de “um real contingente, perverso. Um real arriscado”⁸, na medida mesma em que inexiste uma equivalência natural da relação sexual entre os sexos.

Sob esse prisma, observam-se transformações significativas na vida erótica, que passa a se apresentar “desencarnada, desafetada e alinhada ao circuito mercadológico”⁹. Nesse contexto, assiste-se a um crescente desinteresse pela vida sexual, sobretudo entre os jovens, paralelamente à intensificação da busca por parceiros capazes de responder à exigência de um “gozo imediato e permanente”¹⁰, comumente dissociado de laços mais duradouros.

No Brasil, em contrapartida, observa-se uma revalorização do par-casal-heterossexual advinda de movimentos religiosos, cujos preceitos conservadores retornam sobre os fiéis e, simultaneamente, interpenetram o campo da política por meio de pautas marcadas por acentuada precariedade discursiva. Não obstante, tais narrativas seguem produzindo efeitos de verdade e de crença sobre os corpos e os modos de gozo em uma massa cada vez mais avolumada.

Uma das insígnias mais eloquentes da erótica do nosso tempo refere-se a “cosmética e seu vasto catálogo de intervenções mobilizadas vertiginosamente, no intuito de coagular o tempo na simetria das formas e na juventude dos corpos”¹¹. Comercializa-se a exaltação do amor ao corpo próprio, na mesma proporção em que o Outro resta desfalecido e o inconsciente sumariamente rechaçado.

Não sem consequências, as mutações alcançam a economia amorosa. Já se tornou lugar comum a formulação segundo a qual o mestre capitalista nada quer saber sobre as coisas do amor; a ele convém a racionalização técnica e a mercantilização dos seres. À psicanálise cabem o encontro contingente, os extravios e os tormentos amorosos, lá onde existe a aspiração “de um sentimento que carboniza antes de conhecer a finitude”¹² – aí onde o palavrório frugal dá passagem a um vívido dizer.

8 Ibid.

9 ALBERTI, Christiane. Não há relação sexual. Argumento do XV Congresso da AMP. Associação Mundial de Psicanálise (AMP). 3 fev. 2025. Disponível em: <https://www.association-mondiale-psychoanalyse.org/pt/nao-ha-relacao-sexual-2/>. Acesso em: 16 maio 2026.

10 Ibid.

11 FARIAS, 2026, op. cit., p. 8.

12 PIÑON, Néida. Livro das horas. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 14 apud SERLES, Carla. A democracia como sol do amor. In: MARTINS, Tânia Regina Anchite (coord.). Coletânea n. 2: o amor no tempo das cóleras. Brasília: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Leste Oeste, 2021. p. 27.

Freud afirmou que ao ser humano não é dada a felicidade plena, uma vez que o ser humano “tem limitações constitutivas para realizar o programa do princípio do prazer”¹³. Tal insuficiência é resultante de três fontes: o próprio corpo, a relação com o mundo e, finalmente, a relação com o outro.

O inventor da psicanálise vivenciou as duas guerras mundiais, eventos que, segundo diversos autores, alteraram radicalmente a ética e a estética bélica. Ele próprio demonstrou como a guerra desmonta as ilusões civilizatórias. A partir do final da Primeira Guerra, ele passa a dedicar-se, mais vigorosamente, aos escritos concernentes à cultura e às suas incidências clínicas.

Os textos das décadas de 1920 e 1930 dedicados à sociedade, à cultura e à religião são, ao mesmo tempo, atravessados por uma dimensão clínica irreduzível. E isso se dá pela simples razão de que a prática clínica é atravessada, de ponta a ponta, por aquilo que se precipita das formas da vida social na vida psíquica do sujeito¹⁴.

Ao empreender uma verdadeira torção em sua teoria pulsional, Freud introduziu a noção de supereu, inclinando-se progressivamente ao que Lacan nomearia como a dimensão transindividual do inconsciente e, por conseguinte, à vertente política da experiência analítica.

Freud refina sua elaboração acerca da primariedade do recalque, conferindo menor centralidade à tese da ação nociva da moral sexual vigente. Ao mesmo tempo, ele se aproxima da concepção segundo a qual o mal-estar na cultura evidencia que as imposições superegoicas experimentadas pelo sujeito constituem-se como um operador metapsicológico decisivo para o destino de sua subjetividade.

A renúncia ao gozo pulsional, longe de apaziguar as exigências do supereu, apenas as intensifica. Freud isola essa instância que se exerce sobre as pulsões, compelindo-as a renunciar às exigências de satisfação e a separar-se de um gozo a mais, posteriormente formalizado por Lacan como mais-de-gozar. Esse gozo suplementar, contudo, é imediatamente reabsorvido pelo supereu, nutrindo sua voracidade.

Como observa Miller em “Jogar a partida”, “o funcionamento da civilização é intrinsecamente perverso, uma vez que a renúncia ao gozo que ela aparentemente prescreve constitui, na verdade, um imperativo que se alimenta do próprio gozo da renúncia”¹⁵.

13 Apud IANNINI, Gilson; SANTIAGO, Jesús. Mal-estar: clínica e política. In: FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 7. (Obras incompletas de Sigmund Freud) (Edição Kindle, e-book)

14 Ibid.

15 MILLER, Jacques-Alain. Jogar a partida. Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 90, p. 17 out. 2025.

Lacan, que também “recebeu em pleno rosto o facho das trevas que provém de seu tempo”¹⁶, demonstrou, sobretudo em “Kant com Sade”¹⁷, as profundas consonâncias entre o imperativo categórico kantiano e a vontade de gozo sadiana. Segundo ele, o imperativo superegoico de gozo está articulado ao discurso capitalista e à sua aliança com o discurso da ciência, através da proliferação dos objetos de consumo e de seu engodo correlato: consumidor-consumido. A adição deixa de pertencer somente à categoria das drogadições e generaliza-se ao consumo dos objetos próprios à maquinaria do objeto a em sua face de mais-de-gozo, na qual o sujeito é tapeado em seu desejo e enredado no movimento perpétuo do supereu.

Clotilde Leguil (2025) dirá que os sujeitos se encontram intoxicados:

Tóxico é o termo utilizado na linguagem para descrever a intoxicação produzida por um gozo em excesso, uma produção em excesso, uma atividade em excesso, um excesso que jamais se detém. O termo “tóxico” nomeia essa curiosa combinação de prazer e destruição, de perturbação e angústia, fragilidade e perigo, que reflete o mal-estar na cultura em sua nova versão¹⁸.

Assim, chegam às nossas clínicas falasseres excessivamente angustiados, entediados, desvitalizados e, irremediavelmente, solitários. Estariam tais fenômenos incluídos naquilo que convencionamos chamar de novos sintomas? Ou caberia aos analistas sustentar um vínculo estético com a linguagem, “uma escuta à flor do significante, despojada dos hábitos sintáticos”¹⁹, e, justamente por isso, capaz de ler as inflexões de sua época, que tem produzido sintomas que tangenciam a mortificação dos corpos ou uma fratura no sentimento mais íntimo de vida?

É sabido que o suposto discurso capitalista não faz barreira ao excedente de gozo, como nos quatro discursos estabelecidos por Lacan. O psicanalista, por estar imerso no discurso analítico, conta com o desejo do analista para jogar a partida contra a vontade de gozo do supereu, isto é, afrouxar seus excessos, permitindo deslocamentos.

A experiência estética poderia ser considerada como um desses deslocamentos?

16 AGAMBEM, 2009, op. cit., p. 64.

17 LACAN, Jacques. Kant com Sade. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 776-805.

18 LEGUIL, Clotilde. La era de lo tóxico: ensayo sobre el nuevo malestar en la civilización. Traducción: Alfonso Díez. Madrid: Ned ediciones, 2025. p. 78. (Tradução minha)

19 FARIAS, 2026, op. cit., p. 11.

Ponto 2 – O fato estético e a experiência analítica

VIRGÍNIA CARVALHO (EBP/AMP)

“A música, os estados de felicidade, a mitologia, os rostos trabalhados pelo tempo, certos crepúsculos e certos lugares querem dizer algo, ou algo disseram que não deveríamos ter perdido, ou estão prestes a dizer algo; essa iminência de uma revelação, que não se produz, é talvez o fato estético.” Borges, 1950²⁰.

Embora o psicanalista raramente se sinta “estimulado a investigações estéticas”, ainda “que ele não restrinja a estética à doutrina do belo, mas a descreva como a doutrina das qualidades do nosso sentir” (Freud, 1919/2020, p.29), quando o faz, ele se depara, assim como Borges, com aquilo que não é de interesse da estética clássica: o infamiliar. Para Freud (1919/2020), o psicanalista nada irá encontrar nas meticulosas exposições da estética que se ocupam do belo e dos sentimentos positivos. Já no campo do infamiliar, apresentam-se os sentimentos repugnantes, contraditórios e penosos, a angústia, o real do gozo, e isso está no coração da prática psicanalítica.

Aliás, a psicanálise foi inventada a partir dos dejetos do mental: o sonho, o lapso, o ato falho, os chistes, o sintoma (Miller, 2010). Quando até então se buscava uma salvação pelos ideais, Freud propôs uma via completamente inédita, a da “salvação pelos dejetos”. O dejetos, de acordo com Miller (2010), é o que os alquimistas chamavam de *caput mortuum*, aquilo que cai, que tomba, quando por outro lado algo se eleva. É o que se evacua, que é informe, um pedaço, uma peça avulsa. Em alguns tipos de arte, como o surrealismo, há o que ele nomeou de uma “esteticização do dejetos”, ou seja, um tratamento estético dado ao dejetos.

Dizer que na experiência psicanalítica há uma “salvação pelos dejetos” não corresponde à uma estetização, pois o ato analítico não visa embelezar, harmonizar ou enquadrar o dejetos para que ele caiba em algum universal. Lacan chega a demarcar, em seu Seminário 15, que o ato analítico é o que acontece exatamente quando saímos do universal.

A psicanálise não é uma *Weltanschauung*, não é uma visão de mundo, já dizia Freud (1933/1996), tampouco é uma filosofia. Para o Lacan dos anos 50 (1958/1998), “a psicanálise só se aplica, em sentido próprio, como tratamento, e, portanto, a um sujeito que fala e que ouve” (p.758). Em 1977, na abertura da

20 Borges profere essa frase em “A muralha e os livros”, texto que escreve a partir da constatação de que o mesmo imperador que ordenou a edificação da quase infinita muralha chinesa foi que mandou queimar todos os livros anteriores a ele. Trata-se de Che Huang-ti.

Seção Clínica em Vincennes – mencionada por Jacques Allain Miller ao nos contar sobre o tema do próximo Congresso da AMP –, Lacan foi categórico: “O que é a clínica psicanalítica? Não é complicado, a clínica tem uma base: é o que se diz em uma psicanálise”. Além disso, a clínica psicanalítica deve consistir em interrogar não somente a análise, mas os analistas, a fim de que prestem contas do que sua prática tem de arriscada, que justifique a existência de Freud (Lacan, 1977). É nessa perspectiva que Lacan considera a clínica psicanalítica como “o real enquanto impossível de suportar”. A palavra suportar carrega tanto a dimensão de peso, carga, sofrimento, como a de corpo, pois “para suportar, é preciso um corpo” (Brodsky, 2024). Assim, está em jogo a dimensão das urgências que o analisante suporta, mas também a experiência cotidiana do analista com o real e suas peças soltas.

Embora o real seja um termo intuitivo para cada um dos que vivem no século XXI, como propõe Miller (2014), Lacan deu um uso próprio a essa palavra e que nem sempre é o mesmo. Podemos considerar que o real é o que é desprovido de sentido e não corresponde a nenhum querer dizer: “não é um cosmo, não é um mundo, nem uma ordem; é um pedaço, um fragmento assistemático porque separado do saber ficcional produzido a partir desse encontro” (Miller, 2014). O sentido lhe escapa e os discursos não passam de defesas ao real, de modo que, se há doação de sentido, ou estamos diante de uma elucubração da fantasia ou de uma construção delirante. A “iminência de uma revelação que não se produz” indicada por Borges não seria, então, uma boa definição do real lacaniano?

Jésus Santiago (2024), nosso convidado das próximas Jornadas, nos indica que “face ao silêncio do real e da não operatividade da função significante, resta-nos o recurso do imaginário que agora se pode agregar a ele, o recurso do corpo que, segundo o ultimíssimo ensino, se constitui sob o modo do ‘tecido do inconsciente’”. É por se endereçar a esse tecido, composto “de fios, malhas, entrelaçamentos e furos” que a experiência da análise não é uma mera abstração.

O imaginário comparece na experiência analítica, assim como sua esfoliação. Sobre esse termo, que também é caro à cosmetologia ou a medicina, no sentido de extrair as partes necrosadas, Miller (2023) indica: “esfoliar uma planta é fazer cair suas folhas”, ou seja, esfoliar-se é desprender-se folha por folha, parcela por parcela. Ex-folie também pode ser lido como extrair a loucura do imaginário, se tomamos o significante em francês. Miller (2011) também aponta que Lacan, em seu Seminário 26, diz que a esfoliação do imaginário ocorre quando ele se reduz à fantasia fundamental, esta que funciona tanto como uma tela que tampona o real, como uma janela que permite uma abertura para o real.

Construção, redução e travessia da fantasia são operadores clínicos da psicanálise, assim como a identificação ao sinthome, que inclui o saber se virar com a própria imagem e com o real do gozo, este ineliminável. E é por

permitir a travessia do plano dos ideais (Lacan, 1964), em direção ao saber fazer com a vivência pulsional, isso que escapa a qualquer harmonização, que podemos localizar na psicanálise uma clínica do real.

Nessa direção, o relato de um caso clínico precisa partir da “diversidade mesma das vias na qual cada um se defronta com o real em jogo em cada caso” (Laurent, 2003, p.74). Desse modo, a estética do infamiliar se apresenta no caso clínico, já que a própria etimologia da palavra “caso” nos leva ao latim *cadere*, que significa “cair, declinar, perecer”. Como indica Miller (2017), o caso não existe a priori, e “expor um caso clínico como se fosse de um paciente é uma ficção; é o resultado de uma objetividade que é fingida porque estamos implicados, ainda que seja pelos efeitos da transferência”. O controle busca “lavar as escórias remanescentes que interferem no tratamento” ao tentar apagar do caso as singularidades do analista para que possa sonhar o analisante.

Escrever um caso clínico requer, portanto, uma construção. Trata-se de dar lugar à leitura do sintoma e ao modo como o analista respondeu ao caso “que é sempre, de uma certa forma, um ‘caso de urgência’” (Laurent, 2003, p.74). Nessa direção, a proposta deste ponto norteador 2 é a de valorizar o real em jogo na clínica, dando lugar, nestas Jornadas, ao que nos ensinam os casos e suas diversas maneiras de lidar com o real, seja pela estética da fantasia ou pela estética do *sinthome*, nas diferentes estruturas e tipos clínicos.

Como, em sua prática, os analistas têm se defrontado com o feio, o diferente, o inquietante, o estranho, o abjeto, o indigno, o infamiliar... o dejetivo e suas manifestações, tais como a angústia, a cólera, a inibição e os sintomas da vida contemporânea? Que soluções, sublimes ou não, os falasseres têm encontrado para lidar com a “iminência de uma revelação que não se produz” (Borges, 1999)?

Convidamos a todos aqueles que desejam se debruçar sobre isso que cai da experiência analítica a formalizarem suas construções e “salvações pelos dejetos”, mostrando-nos as maneiras pelas quais a psicanálise não visa ao apagamento, tamponamento ou embelezamento do real, mas sim a que o falasser possa encontrar no mundo um lugar para sua maneira singular de viver a pulsão.

Referências Bibliográficas

Borges, J. L. (1999). A muralha e os livros. In *Outras inquisições*. Globo.

Brodsky, G. (2024). A clínica e o real. https://www.congresamp2014.com/pt/template.php?file=Textos/La-clinica-y-lo-real_Graciela-Brodsky.html

Freud, S. (2020). *Infamiliar*. Autêntica. (Obra original publicada em 1919).

Freud, S. (1996). Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschauung*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 22). Imago. (Obra original publicada em 1933)

Lacan, J. (1998). Juventude de Gide. In *Escritos*. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1958).

- Lacan, J. (1998). O Seminário: livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (1977). Abertura da Sessão Clínica. *Ornicar?*, (9), 7-14.
- Lacan, J. (1977-78). Le séminaire, livre 25: Le moment de conclure. (Trabalho inédito).
- Miller, J.-A. (2010). A salvação pelos dejetos. *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, (67), 19.
- Miller, J.-A. (2011). O ser e o um: Os cursos psicanalíticos de J.-A. Miller. Escola Brasileira de Psicanálise. Manuscrito inédito.
- Miller, J.-A. (2012). El ultimísimo Lacan. Paidós.
- Miller, J.-A. (2014). Apresentação do tema do IX Congresso da AMP. https://congresamp2014.com/pt/template.php?-file=Textos/Presentation-du-theme_Jacques-Alain-Miller.html
- Santiago, J. (2024). O Imaginário na clínica do sinthoma. <https://www.jornadaebpmg.com.br/2024/o-imaginario-na-clinica-do-sinthoma/>

Ponto 3 – A Escola de Lacan: o real na formação do analista

GABRIEL CAIXETA (MSC/EBP)

O argumento das VII Jornadas da EBP-LO²¹ nos lembra que foi uma questão central para Lacan que o analista de sua Escola, para ser digno da transferência, estivesse à altura de seu tempo e “ter como suporte aquele saber que, por estar no lugar da verdade, pode interrogar-se como tal sobre o que é, desde sempre, a estrutura dos saberes”. Como observa Ary Farias, Lacan nunca escondeu a necessidade de ter “pessoas consideradas cultas” entre aquelas em condições de segui-lo. Isso, porém, não dispensava seus seguidores de sustentar, na condução da experiência analítica, o princípio de que o analista não deve, de modo algum, dirigir o paciente. Não se trata de direção de consciência, pois o analista paga com a palavra, com sua pessoa e com o que há de mais essencial em seu juízo íntimo para intervir numa ação que toca o cerne do ser.

Diante disso, o argumento nos conduz a uma questão decisiva: não se inscreve, também na proposição de Lacan, a exigência de superar eventuais limitações de leitura e de sensibilidade estética por parte do analista? Nessa perspectiva, como afirma Ary Farias, impõe-se a necessidade de que o analista esteja informado das estéticas operantes de seu tempo e de seu contexto sem aderir com ativismo a elas. É preciso que disponha de acuidade crítica para identificar a arquitetura imagética, as linhas tácitas e os cabrestos simbólicos que sustentam a realidade na qual sua prática clínica se insere. O analista lacaniano deve estar advertido de que alcançar a “douta ignorância” exige uma rotina de prática e uma ambição intelectual à altura dessa formação.

No Ato de fundação²², Lacan nos orienta tomar a Escola como refúgio na medida que nos endereçamos a ela a partir do real em jogo em nossa formação. Fazemos dela nossa base, lugar privilegiado para produzir invenções e torções quanto ao saber fazer com nossa prática – tal como esperamos recolher em nossas Jornadas. Nós nos constituímos como um “contra-lobby”²³, assumindo a tarefa de elaboração do real, produzindo um novo saber que tem como pivô a causa analítica.

Desta forma, neste eixo, é desejável que os trabalhos abordem a Escola de Lacan como esse possível refúgio diante do mal-estar na civilização

21 FARIAS, Ary. A psicanálise e a estética do real. Escombros, Boletim das VII Jornadas Seção Leste-Oeste da EBP, Campo Grande, n. 0, p. 14, 2026. Disponível em: <https://ebp.org.br/slo/jornadas/vii-jornadas-ebp-secao-lo-a-psicanalise-e-a-estetica-do-real/vii-jornadas-ebp-secao-lo-a-psicanalise-e-a-estetica-do-real-boletim/>. Acesso em: 16 maio 2026.

22 LACAN, J. (1964/2003). Ato de fundação. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.244.

23 MILLER, J. A (2017). Questão de Escola: Proposta sobre a garantia, Opção Lacaniana online, 23. p. 2

e como base de operações nas quais o praticante da psicanálise, em sua solidão, mas não sozinho, pode elaborar e dar testemunho de sua invenção, construindo a sobrevivência da psicanálise em nosso tempo.

Convém ainda recordar que a abertura das VII Jornadas ocorrerá em 9 de outubro de 2026, precisamente 59 anos após o texto de Lacan “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. Nesse texto, Lacan afirma que há um real em jogo na própria formação do analista e, de modo não menos evidente, que esse real suscita desconhecimento ou mesmo produz sua negação sistemática.²⁴

Espera-se que os trabalhos neste eixo possam representar relatos da experiência da formação do analista que passa pela análise, supervisão e investimento com a causa analítica, a qual se distingue do desejo estético de reconhecimento.

24 LACAN, J. (1967/2003). Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.249.

Ponto 4 – Lacan, a arte e o real

RUSKAYA MAIA (EBP/AMP)

Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen (1907) é considerada a primeira publicação freudiana dedicada à análise de uma obra literária. Nela, Freud justifica o gesto aparentemente estranho de investigar um sonho nunca sonhado, inventado por um escritor, com a célebre afirmação segundo a qual

“Os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência”²⁵.

Mesmo que tal análise fracasse em lançar luz sobre a natureza dos sonhos, conclui Freud, ela permitirá ao menos entrever algo da própria criação literária. Desde então, a investigação dos processos criativos jamais deixará de ocupar um lugar importante em sua pesquisa.

Na perspectiva freudiana, contudo, a criação artística permanece frequentemente referida aos processos inconscientes e fantasmáticos do artista. A obra aparece como via de expressão do desejo e retorno do recalcado. Nesse movimento, a arte tende a ser explicada pela psicanálise, constituindo aquilo que se convencionou chamar de “psicanálise aplicada à arte”: a obra tomada como objeto de interpretação.

É precisamente esse ponto que Lacan desloca. Em vez de uma psicanálise aplicada à arte, trata-se agora de uma psicanálise implicada nela, capaz de acolher aquilo que a arte ensina sobre o próprio objeto da experiência analítica. Como observa Miller, “o psicanalista pode comentar o objeto de arte, mas, com seu comentário, recebe, ele próprio, uma interpretação”²⁶.

É ainda sob a égide do inconsciente estruturado como linguagem que surge a primeira grande formulação lacaniana acerca do objeto estético. Em A Ética da Psicanálise, Lacan articula a experiência estética ao campo do real por meio da noção de Das Ding — a Coisa —, aquilo que, excluído da simbolização, permanece no centro da experiência humana como um vazio

25 FREUD, Sigmund. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907 [1906]). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. IX.

26 Miller. J-A Sept remarques sur la création, Citado por: CALDAS, Heloísa. “Literatura ou a arte do parlê(t)re”. In: Correio, n. 40. Belo Horizonte: EBP.

irreduzível em torno do qual toda representação gravita. A arte adquire aí um estatuto decisivo: ela não representa a Coisa nem a revela diretamente, mas desenha suas bordas. É nesse contexto que Lacan afirma que “toda arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno do vazio”²⁷. A obra não recobre a falta: ela lhe dá forma, contorno, espessura sensível. O belo funciona aí como uma barreira diante do horror; protege o sujeito do encontro direto com o real, mas sem suprimi-lo. A beleza não dissolve o inquietante da Coisa; ao contrário, mantém-no em sua vizinhança, deixando-o pressentido.

A sublimação, definida por Lacan como o ato de “elevar o objeto à dignidade da Coisa”²⁸, não consiste em exibir o real, mas em construir uma mediação simbólica capaz de circunscrevê-lo. Sublimar é produzir um objeto que funcione como índice da Coisa. É dessa forma que “a arte organiza o vazio do impossível de imaginar e de pensar”²⁹.

“Só raramente um psicanalista se sente impelido a pesquisar o tema da estética, mesmo quando por estética se entende não simplesmente a teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir”³⁰, escreve Freud ao iniciar seu ensaio sobre o Unheimliche. Mais uma vez, ele recorre à literatura — O Homem de Areia, de E. T. A. Hoffmann — para avançar em sua elaboração teórica. Freud observa, ainda, que os tratados estéticos costumam deitar-se no belo, no sublime e no atraente, deixando à sombra afetos de outra ordem. Caberá a ele, Freud, voltar-se precisamente para aquilo que provoca estranhamento, repulsa e aflição.

Lacan retomará o Unheimliche a partir da angústia suscitada pela irrupção do objeto a no campo da imagem. A angústia emerge quando algo que deveria permanecer oculto se apresenta excessivamente próximo. Não se trata do absolutamente desconhecido, mas da aparição perturbadora de algo excessivamente íntimo. O inquietante aparece justamente quando a imagem deixa de funcionar como suporte estável do eu e passa a comportar uma presença opaca, excessiva, quase autônoma.

Essa é justamente a lógica que a anamorfose formaliza em Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Seu exemplo privilegiado é a pintura Os Embaixadores, de Hans Holbein, o Jovem, na qual uma mancha disforme atravessa a cena até revelar, sob determinado ângulo, a figura de uma caveira. O que interessa a Lacan não é apenas o efeito óptico, mas o modo

27 LACAN, Jacques. O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 162.

28 LACAN, Jacques. O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 141.

29 ANTELO, Marcela. “La supuesta felicidad de la sublimación”. Virtualia: Revista Digital de la Escuela de Orientación Lacaniana, n. 26, jun. 2003, p. 56.

30 FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII. p.

como a obra faz vacilar a soberania do sujeito que vê. Lacan demonstra que o sujeito não apenas olha, mas também é olhado. A experiência estética torna-se experiência de divisão subjetiva: algo olha o sujeito desde a obra, introduzindo no campo da visão um ponto de estranheza que rompe a estabilidade imaginária da forma. Mais do que contornar o vazio, a obra de arte tem, então, o estatuto de tikhé: encontro contingente e perturbador com o real.

A noção de *sinthoma* permite um profundo deslocamento nas relações entre a psicanálise e a obra de arte. Com Joyce, a arte passa a ser abordada a partir da lógica da função. Ela se torna o testemunho de uma operação singular sobre o gozo. O que interessa não é o que a obra quer dizer, mas o que ela faz. A criação aparece como um saber-fazer com a língua, com o corpo e com o gozo; uma prática capaz de produzir consistência ali onde o sujeito encontra um ponto de desenlace. Lacan reconhece nela uma forma de invenção que pode ensinar algo à própria psicanálise acerca dos modos singulares de tratamento do real. Trata-se da capacidade de invenção ou da criação de algo que faça laço social a partir do mais íntimo, do singular. Nas palavras de Lacan: “Só se é responsável na medida de seu *savoir-faire*. Que é o *savoir-faire*? É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável, porque não há Outro do Outro para operar o Juízo Final”³¹. A concepção da arte como *sinthoma*, portanto, é correlativa de uma época como a nossa, em que o objeto pulsional se separa do Outro como Ideal e “avança atrevido”³² subindo ao zênite.

Interessa-nos, nesse eixo, receber trabalhos que testemunhem de que modo o fenômeno estético pode constituir uma forma de tratamento do real. Como certas criações, práticas artísticas ou invenções singulares operam como borda diante do impossível? De que maneira a arte, hoje, responde às transformações do estatuto do objeto, do corpo e do gozo? O que resta da sublimação em uma época em que a barreira do belo vacila? E como pensar o *sinthoma* como invenção capaz de produzir laço social?

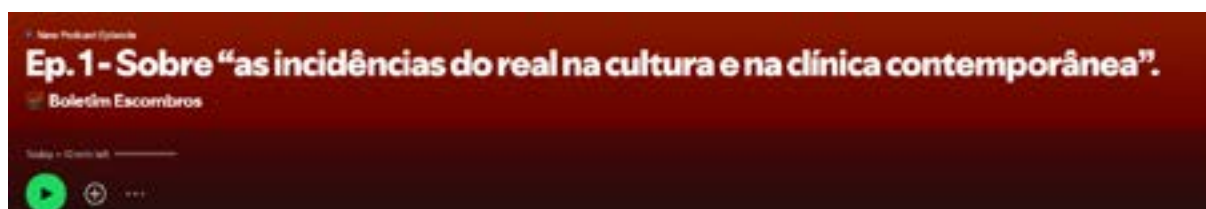
31 LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: O *sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. p. 59.

32 ANTELO, Marcela. “La supuesta felicidad de la sublimación”. *Virtualia: Revista Digital de la Escuela de Orientación Lacaniana*, n. 26, jun. 2003. p. 58

PODCAST ESCOMBROS

Episódio 1

Neste episódio do podcast, Caroline Quixabeira (MSC/EBP, Goiânia) entrevista Daiane Ribeiro Ruiz (EBP/AMP, Campo Grande). Abordando o Ponto Norteador 1 – “As incidências do real na cultura e na clínica contemporânea”, o diálogo flui entre as interlocutoras de maneira natural e, a um só tempo, com a devida fundamentação lacaniana. Atenção para o Movimento Incel (Involuntary Celibates): ambas recolhem, oportunamente, o fenômeno e seus imbróglis a partir da subcultura extremista da internet no século XXI.



ATRAÇÕES TURÍSTICAS



Comissão de Acolhimento - Imagens e edição: Agência Big Tour Turismo

Comissões

COORDENAÇÃO GERAL:

- Ary Farias (EBP/AMP).

1. CIENTÍFICA:

- **Renato Vieira (EBP/AMP);**
- Carla Serles (EBP/AMP);
- Ruskaya Maia (EBP/AMP);
- Virgínia Carvalho (EBP/AMP);
- Gabriel Caixeta (MSC/EBP).

2. BOLETIM:

- **Fábio Paes Barreto (EBP/AMP);**
- Ordália Junqueira (EBP/AMP);
- Caroline Quixabeira (MSC/EBP);
- Cristina Alves (GO);
- Luana Silva (MS);
- Regina Cheli Prati (MS);
- Daiane Ribeiro Ruiz (EBP/AMP).

3. TESOURARIA:

- **Ordália Junqueira (EBP/AMP);**
- Melissa Fukuchi (BSB).

4. INFRAESTRUTURA:

- **Daiane Ribeiro Ruiz (EBP/AMP) e Isangela Lins (MS)**
- Hévila Ribeiro Ruiz (MS);
- Márcia Cristina de Campos (MS);
- Kamila Souza (MS);
- Maria Eduarda Bravalhieri (MS);
- Fernando Reis (EBP/AMP);
- Maila Rocha (GO);
- Henrique Lopes (GO);
- Juliana Melo (GO);
- Leonora Arruda Florencio (GO);
- Livia Loures (ES);

- Tiago Barbosa (BSB);
- Rozilene Martins Victor (BSB);
- Angélica Santini (BSB);
- Luisa Carvalho (TO).

5. LIVRARIA E COLETÂNEA:

- **Luciana Pedron (EBP/AMP);**
- Luana Silva (MS);
- Sheila Cordeiro (MS);
- Gleice Taciana Barbosa (MS);
- Katiuscia Kintschev (MS);
- Geanini Vieira (BSB);
- Mário Neto (GO);
- Renata Pozzatto (ES).

6. DIVULGAÇÃO E ARTE:

- **Giovanna Quaglia (EBP/AMP);**
- Fernanda Fernandes (EBP/AMP);
- Fernando Reis (EBP/AMP);
- Rafaella Cunha (EBP/AMP);
- Randra Gondouin (ES);
- Hítala Gomes (ES);
- Gabriel Caixeta (MSC/EBP);
- Melissa Fukuchi (BSB);
- Munira Barreto (BSB);
- Leandro Borges (GO);
- Letícia Rosa (MS).

7. ACOLHIMENTO:

- **Helen da Costa Guerra (MS);**
- Gize de Bessa (MS);
- Vanessa Wagna (MS);
- Luciene Ferreira (MS);
- Ana Paula Carmo (MS);
- Yana Lissandretti (MS);

VII JORNADAS SEÇÃO LESTE-OESTE DA EBP


A PSICANÁLISE E A ESTÉTICA DO REAL

INSCRIÇÕES:



 CAMPO GRANDE - MS
Auditório INSTED

 9 e 10 de outubro

 Inscrições via Sympla

Convidado:

Jésus Santiago
(AME EBP/AMP)



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste